

TOP DE VENDAS NO BRASIL

FML PEPPER

ATRÁS DE UM NÚMERO, PODE ESTAR O AMOR

TREZE



TOP
SEL
LER
#BLISS

Um romance com um enredo
tão forte como só o destino pode ser



1

REBECA

Há 2 anos

— **A** rgh! Sua... — A Suzy abana a cabeça, dizendo que não, a remoer mais uma vez o assunto que lhe está a consumir a alma, e a ficar cada vez mais corada.

— Não consegues controlar tudo, Rebeca! Ninguém consegue!

— Queres apostar? — digo eu, implicando um pouco mais, sem evitar um sorrisinho irritante e uma piscadela de olho.

Quero ver de que cor fica o rosto dela. Sinto um ligeiro aperto no peito. *Vou sentir falta disto...*

— És tão teimosa! A vida ainda te vai mostrar como é e... — Vejo a resposta atrevida dançar nos lábios dela, cambalear pelo ar e ser levada pelo vento.

Ela olha subitamente para cima, distraída pelas pinceladas de luz que fazem desenhos sinistros no céu, e acelera em direção ao parque de diversões de segunda categoria.

— Eu sei que falei em «noite de despedida», mas não era preciso levares isso tão à letra, Su do meu coração.

Faço uma careta de pavor assim que ultrapassamos o decrepito arco de boas-vindas, uma grinalda de letras desbotadas e corroídas pela ferrugem que pende perigosamente sobre as nossas cabeças.

Se a entrada já está assim...

— Ouvei falar muito bem deste parque.

— Onde? No obituário da cidade? Basta olhar para o ótímo — faço aspas com os dedos — estado da roda-gigante e do carrossel. Olha para aquilo! Só sobraram os esqueletos dos pobres cavalinhos. E a montanha-russa? É, no mínimo, do tempo dos faraós!

A Suzy revira os olhos, ignorando as minhas piadinhas e acelerando o passo pelas filas de barracas de algodão-doce, tiro ao alvo e jogo da pesca. Tento parecer indiferente, mas este ambiente decadente causa-me um mal-estar estranho. Os rangidos da maquinaria velha parecem uivos aflitos de correntes a serem arrastadas, e estão por toda a parte. As sombras ganham vida e engolem as luzes atrás de mim. Vejo-as crescer pelo canto do olho e, sorrateiras, desaparecerem no meio das pinturas gastas e do estalar das diversões. Um ruído estridente, de dor, emerge do túnel do comboio-fantasma, arranhando os meus tímpanos e os meus nervos. Sinto um arrepio a percorrer o meu corpo.

— Devemos estar perto — diz ela para si própria, afastando os cabelos da cara.

Folhas secas rodopiam à nossa volta, num ballet mal coordenado, antes de serem levadas para longe pelas incessantes rajadas de vento.

— Não vejo nada, a não ser aquele palhaço psicopata a sorrir para nós. — Aponto para o cartaz pendurado num poste à nossa frente. — É a cara daquele boneco assassino. Como é que se chamava? Ah, sim... Chucky!

— Podes parar com isso? — reclama a Suzy. — Vou perguntar a alguém.

— Na boa, amiga... Está toda a gente a ir-se embora. Até os vendedores ambulantes se puseram a andar. Vem aí um temporal! — Aproveito o céu carregado de nuvens para confessar a minha vontade. — Porque não voltamos noutra dia? Mais cedo, de preferência.

— Não! — responde ela, mais decidida do que nunca. — É a última noite do parque na cidade. Preciso de encont... Ah! Aqui está!

A Suzy vibra de alegria ao virar-se para o *Kamikaze*.

— Não, não, não vai acontecer. Se, por acaso, tivermos a sorte de não nos espatifarmos lá de cima, o mais certo é morrermos de tétano

— resmungo, arregalando os olhos ao avistar a diversão onde meia dúzia de corajosos (ou doidos!) berra, disfarçando o ruído pavoroso que vem da casa das máquinas.

— Não é nada disso, sua totó! É ali.

Há algo de travesso no olhar dela quando levanta o queixo e me indica uma tenda amarela atrás do *Kamikaze*.

— *Madame Nadeje?* — Se estou com a testa franzida não é por ter de esforçar a vista para ler o letreiro em péssimo estado. — Uma cartomante? Trouxeste-me aqui por causa... *disto?*

— A Beth disse-me que esta vidente é incrível, que acerta em tudo, nos mínimos pormenores. A mulher falou sobre coisas íntimas e que...

O choque inicial passa e, quando me dou conta, estou agarrada à barriga, a chorar de tanto rir.

— Posso saber qual o motivo desse ataque de riso, Rebeca? — A Suzy cruza os braços e aperta os lábios. — Lá porque consegues arranjar toda a informação que queres com esses dedinhos rápidos e um teclado, não quer dizer que não existam pessoas com poderes mediúnicos!

— Poderes? — Rio-me ainda com mais força. — Achas que alguém com essa capacidade «mediúnica» trabalharia aqui, nesta espelunca de milésima categoria? Ergo uma das mãos e abano o dedo com desprezo. — Ela não passa de uma aldrabona, sua totó!

— Dizes isso porque és... — Ela semicerra os olhos e diz, hesitante: — *Assim...*

— «Assim» como? — Arqueio uma sobrancelha. — Podes ser mais específica?

— Cética. Não acreditas em nada! Nem no destino, nem na sorte!

Ela percebe a minha mudança de postura e, depois de um momento de silêncio, exclama:

— Achas que os números explicam tudo, que podes controlar o que quiseres? Queres mesmo saber a verdade? Ninguém pode!

— Eu *acredito* no resultado das ações, naquilo que posso ver, no que consigo tocar! No dia em que me encontrar com Deus ou com a «Senhora Sorte», mudo de ideias, está bem?

Um trovão violento ecoa pelo parque tenebroso, qual gargalhada demoníaca. Sinto qualquer coisa estranha, ácida, a arder nas minhas veias. Sacudo a cabeça e dou um passo para trás.

— A fé não se vê! Sente-se! Quantas vezes preciso de te repetir isto? — insiste a Suzy, sem ceder, mais determinada do que nunca em ter a última palavra nesta discussão absurda.

Mordo a língua para não dar lhe responder mal.

Ai esta Suzy e a sua mania idiota de acreditar cegamente em tudo! Quero fazê-la perceber que acreditar tanto em algo só traz problemas e que não é mais do que excesso de inocência. A minha vida é a prova incontestável de que as pessoas usam o poder que têm para conseguirem aquilo que querem, passando por cima de famílias, vidas e amores. Os meus sonhos foram-me roubados em criança. Sou o produto desse tipo de comportamento. A Suzy, não. Ela não foi obrigada a crescer no meio de ervas daninhas, é bondosa. Diria até que tem qualquer coisa de ingénua. *Talvez seja por isso que me preocupo tanto com ela...*

— Desculpa, Su. É que... — digo baixinho, sem olhá-la nos olhos. — É tão óbvio! Não passa de um truque. É uma aldrabona que só quer o teu dinheiro.

Não quero discutir com ela. Não esta noite. Sinto um aperto ainda maior no coração. Vamos seguir caminhos diferentes e, por mais que ela jure que não iremos perder o contacto, sei que isso não é verdade. Nunca é.

— Um dia ainda vais acreditar em algo mais além de números, Beca. Só espero que não seja tarde demais — conclui ela, puxando-me pela mão no momento em que uma nova rajada de vento e poeira nos atinge. — Anda! Antes que comece a chover.

Sigo-a sem reclamar. Passamos pelo *Kamikaze* e dirigimo-nos à tenda da tal Madame Nadeje, uma tenda árabe em tons de ouro, a lembrar um cenário do filme *Aladino*. Tem enfeites dourados pendurados em cada canto e, assim como o resto do parque de diversões, está a cair aos bocados.

— Queria uma consulta — diz a Suzy ao segurança.

O homem, robusto, de nariz adunco, e num fato escuro, já gasto, vigia a entrada de braços cruzados.

— É maior de idade?

— Sim. Acabei de fazer 18.

— Documentos. 50 reais. Com revista — dispara o sujeito.

— O quê?! — Os olhos quase me saltam das órbitas. Agarro o ombro da Suzy com força. — Estás louca? É uma fortuna!

— Para com isso, Rebeca. Tens de respeitar a minha decisão — rosna ela, irredutível.

Para meu espanto, vejo que estou a magoar a Suzy, e solto-a.

Bolas! Não posso deixar que estes aldrabões levem o dinheiro da minha amiga!

O meu radar para falcatruas começa a soar. Sou capaz de sentir o cheiro de tretas a vários quilómetros.

E porque tenho eu tanta certeza de que isto é um roubo?

Porque sou uma ladra.

Conheço as artimanhas do crime desde pequena. A bandidagem foi o meu berço e a minha escola; o roubo, a minha arte. Nasci para isso. Se é um dom ou uma desgraça, ainda não sei. A verdade é que os números são o ar que respiro, e a informática corre-me nas veias, como sangue. Consigo entrar em contas bancárias num piscar de olhos, e decifrar qualquer *password*.

— Revistar para quê? — pergunto, sarcástica, ao homem carrancudo. — Se fôssemos terroristas armadas, a «grande» Madame Nadeje não o teria previsto? — Sinto um beliscão na cintura. — Ai!, merd...!

O segurança franze a testa e, com os olhos semicerrados, avalia-me de cima a baixo. Encaro-o. Logo a seguir, começa a inspecionar a bolsa da Suzy com a ajuda de uma pequena lanterna.

— Espere lá! — rosno ao vê-lo encaminhar a Suzy para dentro da tenda, impedindo-me de entrar.

Aquele estranho mal-estar cresce. Sinto-me ridícula, a fazer o papel de idiota, mas não posso deixar a Suzy sozinha com estes vigaristas.

— Eu pago. Quero entrar com ela!

— Uma consulta de cada vez — diz ele.

— Não quero uma consulta. Só vou acompanhá-la!

O homem abana a cabeça e enche o peito.

— Está tudo bem, Beca — intervém a Suzy, visivelmente assustada com a minha reação acalorada.

Para dizer a verdade, eu própria fiquei assustada.

Mas há algo de errado nisto tudo. Consigo senti-lo.

— Entra uma de cada vez — repete o sujeito com um olhar feroz.

Se ele pensa que me assusta por fazer cara de mau... Não recuo.

— Miúda, se quiseres uma consulta, tens de esperar pela tua vez.

— Vamos embora. Não estou a gostar disto.

Sinto que estou a implorar, neste momento.

— Chega! Estás nervosa por outro motivo.

— Não é isso! — grito, agitada. — Isto aqui...

— Chiu. Não importa o que é *isto aqui*. — Ela fixa-me, olhos nos olhos. — Quero pagar e ver o que acontece. Relaxa. Volto já.

A minha amiga contrai os lábios e larga-me, acompanhando o segurança em direção ao interior da tenda.

— Não!

De repente, dou por mim a correr, a passar por eles como um raio e a entrar na tenda à força.

— Então?! Rebeca! — A Suzy leva as mãos à cabeça, exasperada.

O interior da tenda provoca-me um autêntico nó no cérebro: é um poço de informação, a abarrotar com uma quantidade absurda de objetos expostos. Há inúmeros adereços dourados pendurados no teto por linhas invisíveis, que tremem e brilham, refletindo a luz — é quase hipnotizante. Pisco os olhos com força, tentando desesperadamente adaptar a mente e a visão. De repente, descubro o meu reflexo em espelhos de diversos formatos e tamanhos. Viro-me em todas as direções, à procura do lugar no meio de várias estátuas de madeira e metal, vasos de cerâmica com plantas, vasos de vidro com flores amarelas e vermelhas, falsificações baratas de tapetes persas e almofadas coloridas espalhadas pelo chão. Castiçais com velas acesas e incensos abafam

o ambiente. Não são apenas os meus pulmões que se sentem sufocados, a minha cabeça, também. A concentração e o raciocínio escorrem como água por entre os meus dedos. Um arrepio gelado sobe-me pela coluna até à nuca. Descubro o motivo do meu mal-estar.

É um alerta.

De perigo.

— Olá — saúda uma voz feminina que me traz de volta à realidade.

No centro da tenda, há uma mesa redonda coberta com uma toalha vermelha, repleta de desenhos de anjos dourados. Sentada atrás dela, uma senhora de idade avançada e vívidos olhos negros tem as mãos sobre uma cintilante bola de cristal.

— Uau! — digo com ironia, olhando para os espelhos. — Onde estão as câmaras? Eu sei que dentro desta bola de cristal está o monitor de um computador, espertinha.

— Já te pedi para parares com isso, Rebeca! — As bochechas da Suzy ficam roxas. — Respeita a minha privacidade!

— Privacidade, minha cara, é algo que só existe dentro da tua cabeça — brinco.

O segurança passa por ela e avança na minha direção. Não me deixo intimidar.

— A senhora não tem vergonha de roubar o dinheiro de uma miúda ingénua?

Estou descontrolada, só pode. Preciso de encontrar um culpado. *As minhas hormonas! Ou será o prazo final do Jean Pierre a aproximar-se?*

— Está bem! Eu explico.

Levanto os braços em sinal de rendição e encaro a Suzy. Quero que ela olhe bem para os meus olhos.

— Aquela coisa na mão do segurança não é uma lanterna, amiga. É uma câmara que já passou os teus dados à vigarista. Ela fica com acesso a tudo: nomes dos teus familiares, onde moras, o que fazes, o que publicas no *Facebook*, no *Twitter*, no *Instagram*. Em poucos segundos, toda a tua vida aparecerá «por magia» na bola de cristal!

— Estás louca!

A Suzy fica desnorçada por um momento. Olha, hesitante, de mim para a vidente, que, por sua vez, se limita a sorrir.

— Só porque és uma... — Engasga-se, mas não diz o que sabe. — Nem toda a gente é desonesta, raios!

— Conheço bem este tipo de golpe!

— Para!

— Esta mulher vai dar-te a volta até te arrancar toda a informação de que precisa. Depois, vai inventar um monte de coisas e tu vais morder o isco que nem um peixe, sua imbecil!

— Imbecil... — A Suzy encolhe-se e surge uma lágrima nos seus olhos gentis.

Bolas! O que fui eu fazer?

— Larga-me!

Debato-me, mas o segurança imobiliza-me.

— Esta miúda está a armar confusão desde que chegou, Madame Nadeje — explica ele, irritado.

A mulher não responde e, inclinando a cabeça, estuda-me com um olhar de águia. Os cabelos grisalhos contrastam com a sua pele morena.

— Bolas! Só te quero proteger! — guincho, enquanto sou levada à força para fora da tenda. — Desculpa, amiga. Não quis...

— Conversamos quando eu sair — conclui ela secamente, sem olhar para mim.

Vigiada pelo gorila do segurança, fico à espera da Suzy do lado de fora da tenda. Ando de um lado para outro, sem parar. Espero tanto que já sei de cor as falas de *Conga* — *A Mulher Gorila*, o espetáculo idiota que está a acontecer aqui ao lado. O tempo vai piorando, e nada de Suzy. Dez minutos. Meia hora. A ventania ganha força. Os relâmpagos metralham o céu, e começa a chover. Puxo o capuz do casaco e encolho-me, apertada debaixo da minúscula cobertura de lona que contorna a tenda da cartomante. As luzes de várias diversões são apagadas e até o altifalante da *Conga* já foi desligado. As poucas pessoas

presentes vão desaparecendo do meu campo de visão, e o parque de diversões fica deserto e silencioso. *Ah, claro, perfeito!*

— Quanto tempo ainda vai demorar? — pergunto para o segurança, que mal pisca os olhos.

— Depende do cliente. As consultas com a Madame Nadeje não têm tempo definido.

— Depende do acesso aos dados do cliente, isso sim. A ligação à net nessa espelunca deve estar complicada por causa deste tempo horróroso, né?

O homem semicerra os olhos, mas não diz nada. Faço má cara e fico a contar os intermináveis minutos. É já de noite quando a Suzy finalmente reaparece. A zanga que tinha na ponta da língua dissolve-se ao ver os seus olhos inchados. Os seus cílios tremem cheios de lágrimas. Sinto o meu peito a estilhaçar-se.

— Suzy, por favor, não fiques assim. Não podes acreditar em nada do que a cartomante disse. — Seguro as mãos dela ao vê-la soluçar. — Anda. Vamos sair daqui antes que o céu desabe. Onde deixaste o carro?

— No estacionamento, ao pé do mercado de peixe. — A sua voz está fraca, quase um sussurro. — E tu?

— Perto do Caneco Gelado do Mário. Nem sei se podia estacionar lá. — Dou-lhe um pequeno encontrão e tento meter-me com ela. — Está-me a parecer que devíamos ter ido comer uns bolinhos de bacalhau e beber cerveja, em vez de nos termos metido nesta alhada, isso sim.

— Não tens medo de ser multada ou de ficar sem o carro?

— Tranquilo. Entro no sistema do Detran e limpo o meu cadastro, se for preciso. — Faço um sorrisinho inocente ao compreender o porquê da preocupação dela. — Além disso, os roubos diminuem em dias de chuva. É uma questão de probabilidades.

— Perfeito. Lá vens tu com essa história outra vez — diz ela, suspirando.

— Ouve, tanto stress por causa de parvoíces! Havia um engarrafamento monstruoso por causa de uma operação stop, e, como já estava superatrasada para o nosso encontro, estacionei no primeiro lugar que

encontrei, OK? Não tenho culpa se, em vez de termos ido para um barzinho tranquilo ao pé do mar, tu tenhas decidido trazer-me para este parque horroroso nesta zona *superfixe* de Niterói.

— Ela disse que o Gabriel só me está a usar.

A Suzy não está a ouvir nada do que estou a dizer e, com a testa toda enrugada, confessa o que a deixou perturbada.

— A Madame Nadeje disse que ele fez uma aposta com os amigos. Vai acabar comigo assim que formos para a cama.

— Não precisavas de ter gastado dinheiro para perceberes isso — respondo, sarcástica. — Toda a gente sabe que esse gajo é um palhaço. Ando a avisar-te há muito tempo.

A Suzy recua, de cabeça baixa, e eu fico a sentir-me mal por ainda estar a dar-lhe um sermão.

— Desculpa, não quis...

Bolas! Não acerto uma!

Assim que pomos os pés do lado de fora da cerca de arame, apagam-se as luzes do parque. Há vários postes com as lâmpadas fundidas, e a bomba de gasolina mais à frente, o único ponto seguro na zona, também está fechado e apagado, restando apenas o seu contorno na penumbra. Num silêncio desconfortável, caminhamos apressadamente pelas ruas desertas, atravessando a grande avenida e, depois, as ruas secundárias. A fugir dos pingos insistentes e das poças que começam a formar-se no caminho, chegamos ao muro de graffiti da estação de tratamento de esgotos, ao lado do terreno onde a Suzy estacionou o carro. A sua torre de cimento destaca-se do resto, por estar envolta num interminável emaranhado de cabos e fios.

— Quando é que o teu pai troca isto?

Tento aligeirar o ambiente e aponto para a matrícula cabalística KQN-1313, assim que chegamos ao estacionamento.

— Toda a gente lá em casa adora o número treze — resmunga ela. — E para quem não acredita na sorte, estou a ver que és supersticiosa à brava.

— Não tem nada que ver com sorte ou azar — respondo, a revirar os olhos. — Simplesmente, não gosto deste número.

E, sem mais nem menos, a Suzy começa a chorar. Aturdida, dou-lhe um abraço forte. Os seus soluços apertam-me o coração, e sinto um ardor terrível a surgir nos meus olhos. A ventania torna-se feroz, e os nossos rostos começam a ser atingidos por rajadas de poeira. É-nos cada vez mais difícil manter os olhos abertos, o que vem mesmo a calhar: ajuda a esconder a lágrima solitária que, sem autorização, resolve descer pela minha bochecha.

— Não fiques assim, Su. Vai ficar tudo bem. O Gabriel não merece isto.

Ela abana a cabeça e afasta-se de mim. Vejo-a suspirar com força e entrar no carro.

— O prazo do Jean Pierre termina mesmo depois de amanhã? — pergunta, sem mais nem menos. — Por favor, não cedas à chantagem dele. Nunca terá fim.

Cheira-me a esturro.

Ela nunca questionou a vida que levo. Talvez esta seja a sua segunda melhor qualidade: *não me julga, nem me condena*. Suzy, a miúda com pele morena clara, olhos rasgados e rosto exótico. Esta mistura bem-feita de um mineiro com uma tailandesa é, sem sombra de dúvida, a melhor amiga que eu poderia ter na minha vida.

— Porque é que me estás a perguntar isso?

Engasgo-me ao compreender o motivo do seu pavor: *o roubo que eu e a minha mãe vamos fazer amanhã!*

A cartomante deve ter-me ficado com raiva e, percebendo a ingenuidade da Suzy, «profetizou» acontecimentos negativos no meu futuro. De certeza que inventou qualquer coisa terrível sobre mim, e a Suzy, por sua vez, ligou isso ao golpe planeado para amanhã. A pobre coitada foi usada como mensageira para me colocar uma pulga atrás da orelha.

— E se desistisses? Por favor, tira essa ideia da cabeça.

— Oh, vá lá! Não podes acreditar no que aquela vigarista da *Madame-sei-lá-o-quê* te disse...

— Mas o Jean Pierre...

— Será a última vez com ele, OK? Vamos saldar a nossa dívida de uma vez por todas.

— Mas... e a Dona Isra? — Ela insiste. — A tua mãe já não tem idade para isso.

— A minha mãe está ótima e saudável.

— Mas não te arrependes do que que fazes? É muito perigoso! Ainda tens a vida inteira pela frente, e a tua mãe...

— Por favor! Vai correr tudo bem!

Levo as mãos à cabeça. A conversa começa a passar dos limites, fico agoniada.

— Falamos assim que chegar a Barcelona.

— Mas...

— Chega de tanto «mas»! Quantas vezes é preciso repetir que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar?

A Suzy solta um gemido e baixa a cabeça.

— Vou para Belo Horizonte daqui a duas semanas, quando as aulas começarem. Nas férias, volto para Nikiti — murmura ela, algum tempo depois, num tom carregado e estranho, pesado. — Não pensas no futuro, Beca?

— O que achas que estou a fazer? — respondo, com sarcasmo.

— Não percebeste o que quis dizer. Estou a falar de ter uma profissão! Quem sabe até estudar na mesma faculdade do que eu. Ia ser tão bom...

— Enlouqueceste de vez. — Faço uma careta. — Faculdade? Eu? Ainda por cima, no meio do mato? Sinto-me mal só de me imaginar a morar num sítio longe do mar, presa num buraco de lama, ervas e bosta de vaca, enfiada numa universidade perdida no meio de Minas Gerais. Achas mesmo que sim?

— Vou para Belo Horizonte, não para uma quinta, sua parva! — rosna ela, tensa. Mas assim que os chuviscos se transformam em pingos grossos e provocam uma barulheira infernal no teto do estacionamento, ela desiste do assunto. — Entra. Não se vê uma única pessoa na rua. Dou-te boleia até ao carro.

— Além de ficar fora de mão, tens de te pôr a andar antes que fique tudo inundado. O meu *Mitsubishi* é alto, consegue aguentar. Além disso, não tenho medo de andar em lugares desertos.

— Tu andas a pedir que o azar te bata à porta, isso sim — resmungava ela.

— «Azar» é mais uma das palavras que não existe no meu vocabulário. — Reviro os olhos. — Acredito em estatísticas e, já te disse, o índice de criminalidade cai drasticamente nos dias de chuva. Os ladrões são espertos. Preferem ficar tranquilos, secos, dentro de casa.

O que é verdade. *Em parte*. Na cidade, os assaltos à mão armada realmente diminuem durante tempestades, mas com a Suzy assim tão nervosa, não tenho coragem de acrescentar que triplica o número de assaltos aos veículos presos em zonas alagadas.

— A probabilidade é praticamente nula.

— «Praticamente nula» não é igual a «nula». E existe sempre uma primeira vez.

— A sério? *Junk food* e cigarros matam mais pessoas do que pequenos marginais, e tu adoras as duas coisas! — desdenho eu.

A Suzy encara-me, furiosa, abre a boca, ainda pensa em responder, mas desiste.

— Vá, falamos amanhã — diz, ligando o motor.

— Não posso falar amanhã, como bem sabes.

Faço má cara. *Que coisa! O que é que lhe deu hoje? Porque é que está tão insistente?*

— Falamos amanhã — repete, decidida, e acelera para fora do estacionamento.

— Suzy! — berro, mas é em vão.

O *Peugeot* afasta-se a rugir.

Assim que o carro desaparece do meu campo de visão, os pingos grossos aumentam e uma tempestade fortíssima desaba sobre a minha cabeça. Os trovões, pavorosos, gritam-me aos ouvidos como se estivessem a tentar alertar-me. Acelero o passo, sem saber se, com esta penumbra sinistra, prefiro correr ou deixar-me ser guiada pela

claridade fantasmagórica produzida pela artilharia de raios, que mais parece uma teia de eletricidade no céu a ameaçar cair-me na cabeça a qualquer instante.

Caminho o mais depressa que consigo, desviando-me das zonas já alagadas que surgem pelo caminho desnivelado. É tanta água que parece chover há dias, mesmo que só tenha começado há alguns segundos. *Será uma tromba d'água?*

Começo a sentir-me desconfortável com o ambiente deserto e, arriscando passar uma vergonha, começo a correr. Não quero apanhar uma gripe, nem ficar aqui presa em caso de inundação. Pelo menos, é o que digo a mim mesma. Mas é a sensação estranha, angustiante e carregada de que estou a ser observada que dita o ritmo das minhas pernas.

— Aiii! Que merda!

A meio da corrida, sinto um puxão súbito no meu pé direito, perco o equilíbrio e quase vou de cara ao chão. A minha sandália linda, da última coleção, prendeu-se num buraco, soltou-se do meu pé e afundou-se numa poça de água de cor duvidosa, com embalagens de comida e beatas de cigarro a boiarem à superfície. Digo um palavrão ao enfiar a mão lá dentro para pescar a sandália.

Revoltada e a coxear, vou aos tropeções até uma das entradas do mais antigo mercado de peixes da região, e apoio-me na curiosa parede de azulejos com desenhos de caranguejos, lulas e camarões, em tons verdes e azul-claros, que simbolizam o fundo do mar. Respiro fundo e, com o som da chuva a ecoar nos ouvidos, analiso os danos: duas tiras rebentadas e um corte no pé que arde como tudo. *Isto está a correr mesmo bem!*

A maldita tempestade consegue ficar ainda pior. Pouco se vê, mas tento avaliar o percurso que terei de fazer descalça pelas áreas que ainda não estão submersas. Rio-me da minha desgraça. *Talvez devesse ir a nado!*

Sinto na pele a urgência de uma terra que está a ser abandonada à pressa: as ruas desertas, os portões fechados, janelas que batem, estradas que se transformaram em rios, carros a acelerarem ao máximo,

ignorando os sinais de trânsito sem qualquer problema, quase nenhum autocarro a passar. *Foge*. É esse o verbo que paira no ar, imperativo, a cada fôlego ou trovão ensurdecedor. As raríssimas pessoas que encontro pelo caminho compreendem-no na perfeição, não ousam desafiar a força titânica da natureza, parecendo desesperadas para regressar a casa antes que fiquem presas noutra cheia memorável da «Cidade Sorriso», que, diga-se de passagem, pode ser encantadora em muitos aspetos, mas é dona de um trânsito tão caótico que só dá vontade de chorar. As lojas estão fechadas e não se vê valmalha.

Corro muito, tão concentrada como um touro numa investida, em direção ao local onde estacionei o meu carro. Abandonei as sandálias, a prudência e os trajetos alternativos. Tanto me faz se avanço por entre pequenas ou gigantescas poças de água. De qualquer forma, já estou toda encharcada.

Aos tropeções, alcanço a mercearia da esquina, entro pela rua a correr, como uma alma penada e, já sem fôlego, apoio-me nos joelhos por um instante. Preciso de ar. Inspiro profundamente várias vezes, mas não é o suficiente. *Merda! Preciso de fazer mais exercício!* Os meus pulmões reclamam, ofegantes, mas de uma forma estranha. Não acho que seja por falta de oxigénio. Por alguma razão, tenho a sensação de que é uma espécie de aviso.

Observo as redondezas: nada.

Não há absolutamente ninguém, seja em que direção for. Apenas eu, o meu carro ao fundo da rua, os uivos sombrios do vento e a tempestade interminável que bombardeia o meu cérebro. A minha atenção é captada por qualquer coisa que reluz de repente. Olho rapidamente para cima. Ofegante, observo as cortinas nas janelas dos velhos prédios já de fachadas descascadas e azulejos do século passado. Estão imóveis. Mas o meu coração não. Sacudo a cabeça, confusa com minha própria reação. Respiro fundo e volto a correr pela rua alagada. Passo disparada pelos portões de ferro de casas antigas e, molhada da cabeça aos pés, chego ao meu solitário carro, estacionado entre a melhor loja de bolinhos de bacalhau da cidade e uma loja de macumba.

Sinto a boca seca, tiro as chaves do bolso, entro como um relâmpago no *Mitsubishi* e bato com a porta. Limpo a cara com a camisa, mas não serve de nada; também está encharcada. Ligo o motor e carrego no acelerador.

Tudo normal. Tudo tranquilo.

O ar regressa aos meus pulmões, e abano a cabeça. Sinto-me uma idiota por ter pensado que podia estar prestes a acontecer alguma coisa fora do normal. Sorrio, cada vez mais convicta das minhas certezas. Não aconteceu nada, como era de esperar.

O azar não existe.

Nem a sorte.

A vida é uma balança, e a estatística, os pesos. São eles que fazem a nossa vida pender para um lado ou para o outro. Tão simples como isto...

Um trovão altíssimo reverbera nos meus ouvidos, e, em seguida, um clarão ofuscante revela, por uma fração de segundo, um vulto avermelhado.

— O quê?! Mas que merda é aquela?

Por reflexo, semicerço os olhos, e deixo de prestar atenção ao temporal — o espetro vermelho cresce abruptamente, passando pela minha janela como um raio. *Porra! De onde apareceu isto?* O meu coração salta-me do peito, o meu corpo congela, e os meus pelos da nuca eriçam-se quando, pelo retrovisor, vejo o que era o vulto. Ou melhor, *quem* era o vulto.

Madame Nadeje?! Mas o que é que esta maldita cartomante está a fazer aqui parada, no meio desta tempestade horrível?

Carrego no travão com toda a força.



2

KARL

Há 2 anos

— **É** a grande promessa do UFC, vencedor invicto por KO no primeiro *round* e fortíssimo candidato brasileiro para disputar o título em Las Vegas — anuncia o locutor bem alto, erguendo a minha mão ainda suja de sangue. — Saúdem o nosso grande vencedor: Karl Anderson, a *Fera* de Minas!

O meu corpo dorido é levantado em braços e atirado várias vezes ao ar, assim que a voz no altifalante confirma outra vitória e a tão sonhada qualificação para a disputa do título. O ginásio do Ibirapuera estremece furiosamente sob a vibração da plateia. Oiço urros de alegria e gritos de euforia. O meu nome é aplaudido. Sinto arrepios de puro êxtase.

— *Fera! Fera! Fera!*

As vozes em uníssono são como um mantra para o meu espírito em êxtase e uma massagem no meu ego, que incha os músculos já inchados, triplicando-os de tamanho. Não consigo conter o sorriso que divide a minha cara em duas. A adrenalina no meu sistema foi transformada numa espécie de caldo entorpecente. Sinto o sangue a ferver nas minhas veias, a aquecer-me dos pés à cabeça. Só queria poder carregar no botão de *pause* da minha vida e congelar este momento único e inesquecível.

De relance, vejo a Annie a acenar-me como louca, com um sorriso enorme no rosto, claramente indecisa entre vir ao meu encontro ou acudir a minha mãe, a chorar, emocionada.

Sorrio-lhe. Instantaneamente, os meus olhos procuram outro alvo. E, desta vez, não encontram o pormenor que falta para que tudo fique perfeito: a Bia. *Onde está ela?*, pergunto-me, assim que os meus pés tocam no chão e as pessoas voam sobre mim.

— Rumo ao título!

O meu técnico está a vibrar de alegria. Ergue o meu braço para que todos aplaudam.

— És invencível, camarada! — elogia o Leo.

Sem parar de sorrir, pego na toalha que o Leo me entrega, limpo o sangue das mãos, seco o suor do rosto e volto a procurar a Bia. Torna-se cada vez mais difícil. O edema aumenta e dificulta-me a visão do olho direito. Vejo a multidão avançar como uma manada. Há estranhos que me sorriem, dão-me conselhos (que esqueço imediatamente) e cumprimentam-me; há amigos que me abraçam e dizem disparates ao meu ouvido. Rio-me com vontade. Há miúdas que me agarram, que me roubam beijos na boca e no pescoço, que se esfregam em mim, passando as mãos audaciosas em partes «teoricamente» proibidas do meu corpo exausto. Regozijo. Sinto toda a força da minha presença, sinto-me excitado com tanta vida.

Sou o dono do mundo.

— Onde está ela? — pergunto, no meio do mar de pessoas.

— Vai haver uma festa do caraças em casa do Miguel. Bebida e mulheres a noite toda. Nós arranjamos-te umas miúdas para relaxares.

A sua tentativa de desviar a minha atenção só confirma o que já sei. Ele é um péssimo ator. Sempre foi.

— Onde está a Bia? — insisto, sentindo algo de errado no ar.

O Leo engole em seco. Eu franzo a testa.

— Ela não veio — confessa, sem coragem de me encarar.

— Como assim?

— Não veio.

Ele coça a testa ao ver minha fisionomia alterar-se. Perco o equilíbrio. *Ela não veio? Mesmo sabendo que era a luta final?*

— Vá, Karl, não te chateies com isso. Vamos fazer o que fazemos sempre: vamos para a noite e amanhã vocês entendem-se, mano.

Mas esta não é uma noite igual às outras. A luta era decisiva e a Beatriz sabia disso. Sabia o quanto a sua presença era importante para mim.

— Passa-me as chaves da mota — ordeno.

— Vais aonde? Não podes conduzir nesse estado!

— Passa-me a merda das chaves!

Sinto um pânico inexplicável. Deve ter-lhe acontecido alguma coisa. A Bia jamais faria uma coisa destas, com intenção. Preciso de saber o que aconteceu. E tem de ser agora.

O Leo abana a cabeça e, sem acreditar no que está a acontecer, pouasa as chaves nas minhas mãos trémulas.

— É a tua noite, meu! — Solta um suspiro de desaprovação. — Sonhaste com isto a vida toda. Temos de comemorar.

— Vai andando. Apanho-te depois.

Com dificuldade, afasto-me da multidão enlouquecida e caminho, de forma decidida, para o balneário. Visto a primeira camisa que me aparece à frente, desapareço por uma das saídas do ginásio e voo em direção ao prédio da minha miúda. Os meus reflexos estão lentos, o que é normal depois de uma luta. As feridas começam a incomodar-me, e, sob os golpes do vento, os meus músculos arrefecem, destruindo a única barreira que me separa das pontadas lancinantes que emergem em diversas partes do meu corpo. Saí com tanta pressa do ginásio que me esqueci de tomar os meus analgésicos potentes. O meu olho direito dói como tudo, e emana um fedor azedo de sangue e suor. *Que se lixe! Preciso de ver a Bia!*

Já passa das duas da manhã quando chego à Vila Mariana. Viro numa esquina sob o olhar atento de dois homens mal-encarados, chego à rua dela, agora completamente silenciosa, e estaciono a mota de qualquer maneira no passeio.

Uma janela no edifício em frente acende com o ronco exibicionista do motor. Pela primeira vez na vida, também fico incomodado com ele. As mil cilindradas anunciam a minha chegada e, por um momento, sinto-me desconfortável. Nestas circunstâncias queria ser subtil, silencioso como um felino. Mas não sou. Começo a subir os degraus da entrada do prédio da minha miúda, a coxear.

Há algo que me chama a atenção: a mota verde, tão possante como a minha, estacionada no passeio oposto. Já a tinha visto ali outras vezes, quando resolvia aparecer sem avisar. *Não sejas idiota, Karl!* A minha mente afasta uma ideia absurda, mas sinto um calafrio subtil a percorrer a minha pele. Olho para cima e, por entre a fachada de granito bege, localizo facilmente o quarto dela no meio dos restantes quadrados escuros de vidro e varandas repletas de plantas.

A luz está acesa!

O meu estômago revolta-se, com ansiedade. Passa-se, garantidamente, algo de errado. O porteiro franze a testa ao ver-me chegar num estado deplorável. Conhecido de longa data, abre-me o portão e aproxima-se, tentando fazer conversa, mas passo por ele como um raio. Esqueço as pontadas de dor que me castigam o corpo e, deixando o elevador para trás, subo os degraus dois a dois. O quinto andar parece nunca mais chegar. Quando finalmente o alcanço, nem preciso de bater duas vezes; a porta abre-se automaticamente.

— Olá, Karl — cumprimenta a Amanda. Respondo com a cabeça, apenas.

Não sei se foi das pancadas que recebi, mas estou apático.

— Como foi a luta? — pergunta a companheira de casa dela, enquanto ajeita o cabelo atrás da orelha, de uma maneira artificial.

Bolas! Estou tão tenso que apaguei tudo da mente, esqueci-me de que acabei de vencer o combate mais importante da minha vida. Neste momento, devia estar a ser posto num pedestal por jornalistas, a celebrar a vitória com os meus amigos e, principalmente, a comemorar com a Beatriz. Agora, parece-me um sonho. Surreal, distante.

— Venci — digo, sem força. — O que é que se passou com a Bia? Onde é que ela está?

A Amanda baixa a cabeça e, sem olhar para mim, abre mais a porta. E eu entro.

Sinto-me a ficar sem ar, quando vejo com um homem de braços cruzados, encostado à janela do quarto. Tem as feições bem-delineadas, o cabelo escuro, perfeitamente penteado com gel, um relógio

reluz-lhe no pulso, a sua roupa é cara, de boas marcas. Todo o orgulho que sinto pela minha conquista desintegra-se instantaneamente. Olho para baixo e tenho vergonha do meu estado: as mãos ainda sujas de sangue, a camisa de malha branca amarrotada, o fedor do meu corpo suado, o olho direito inchado, o corpo cheio de hematomas, os calções de luta e os ténis imundos.

Respiro fundo uma vez mais e volto a olhar para ele. Reconheço-o. Já me cruzei com este betinho nos corredores da universidade e nas escadas que acabei de subir. Lembro-me de elogiar a mota verde em frente à Bia, e de um comentário qualquer que ela fez acerca de um namorado secreto da Amanda. Inclino a cabeça e vejo a minha namorada sentada na beira da própria cama, os olhos inchados de quem acabou de chorar. Não diz nada e mal tem coragem de olhar para mim. Todo o meu corpo treme. *Mas o que é que se está a passar?* Aproximo-me, lentamente.

— Bia... — sussurro, depois de reencontrar a minha voz, acariciando levemente o seu rosto com as costas da mão. Ela baixa a cabeça e suspira. — O que aconteceu? Porque é que não apareceste no combate?

Nenhuma resposta.

O silêncio estrangula-me. Estou sem ar. Volto a olhar para a Amanda, que também desvia o rosto, e, de seguida, fixo o homem. Tudo se alinha. *Idiota!*, berra alguma coisa dentro de mim. Sinto o suor gelado a descer-me pelo pescoço à medida que começo a compreender tudo. Fui traído pelo olho inchado, que me impediu de ver claramente o que o meu instinto animal acaba de detetar. As minhas mãos tremem mais agora do que no momento que antecede uma luta.

De testa franzida, o betinho não pestaneja uma única vez. Não desvia o olhar nem por meio segundo. *Putá que o pariu!* Reconheço este tipo de olhar a quilómetros de distância. É um olhar de confronto. Olhar de macho a delimitar o seu território.

O meu território.

A Beatriz é minha.

— És tu quem anda a sair com a Amanda? — pergunto, com a voz surpreendentemente baixa e educada, apesar de a minha cabeça latejar diante do embate iminente.

— Não — responde ele de imediato, sem disfarçar o tom de desafio.

Não pode ser verdade. Isto não está a acontecer. Olho para o relógio: 02h20.

— Então, o que é que estás aqui a fazer? — pergunto, e a Amanda leva as mãos à cabeça.

O otário desencosta-se da janela e enche o peito. É mais alto do que eu e olha-me de cima, mas, no que diz respeito a músculos, tenho o dobro do tamanho dele. *Vou estragar essa carinha de príncipe em dois segundos.* Os meus punhos cerram-se involuntariamente.

— Karl, não!

A Beatriz salta da cama e mete-se à minha frente.

Os seus olhos, ainda vermelhos, triplicam de tamanho, de tão arregalados. O medo e a culpa deformam-lhe a cara bonita e delicada. Sinto o coração a murchar dentro do peito.

— Anda, Igor — chama a Amanda.

Ele não se mexe, continua a fazer-me frente.

— Eles precisam de ficar a sós.

Abano a cabeça e faço um sorriso fechado. Volto a aproximar-me da Beatriz.

— Ganhei, Bebé — digo eu, em voz baixa, chamando-a pela sua alcunha carinhosa. — Temos de comemorar.

— Karl, eu... — Ela para-me quando deslizo os meus dedos pelo seu braço.

O alerta de perigo iminente dispara no meu cérebro, e sinto uma nova descarga de adrenalina. É real. O meu toque não é bem-vindo. Respiro fundo. Tento pensar num motivo razoável: estou sujo e suado.

Deve ser isso. Só pode ser isso. *Tem* de ser isso.

Estou gelado por dentro, mas não deixo que isso transpareça. Aumento o sorriso e abraço-a com vontade. Sou o alfa deste sítio. Preciso de marcar o meu território e pôr aquele otário no lugar dele.

— Karl, não...

A Beatriz solta um gemido, e o seu corpo endurece novamente diante do meu toque.

Meu Deus! Onde está a minha namorada? Deixei-a aqui ontem e hoje encontro este icebergue em vez dela? Faço-me de desentendido. Preciso do seu toque e do seu carinho. Preciso dela mais do que nunca.

— Chiu! Tenho tanta coisa para te contar, miúda — interrompo-a e dou-lhe um beijo ao de leve.

Ela estremece, mas finjo não notar. Pelo canto do olho, percebo que esse tal de Igor fechou os punhos, nervoso. A minha expressão denuncia a minha tensão, não consigo disfarçar mais. Recuso-me a acreditar na merda que está prestes a acontecer... mas os sinais são óbvios.

A minha tensão aumenta. A Beatriz não pode estar a fazer isto comigo. Ela é a *minha* miúda. Ela ama-me e sabe que eu a amo. Fecho o olho esquerdo com força (o direito já era!) para ter certeza de que não se trata de um pesadelo. Sinto um gosto amargo na boca e sei que não é sangue. É decepção, perda, desespero.

Como é que, numa questão de segundos, a nossa vida passa da felicidade extrema para o mais absoluto pavor?

Quero fugir, desaparecer. Dava tudo para não ter de encarar os factos. Para me enfrascar e voltar só no dia seguinte. Levei muita pancada na cabeça. Talvez tudo isto seja apenas uma alucinação...

— Karl, precisamos de falar.

A sua voz treme, mas sei que, nem de longe, está tão sobressaltada como o meu coração. Eu não estava preparado para este tipo de confronto. Sinto a derrota a envolver-me sem hesitação. Entro em pânico.

— Falar? — Abano a cabeça. — O que é que se está a passar? Mas que merda é que vocês me estão a esconder? — grito, agora.

— Vê lá como falas com ela, seu animal — retruca o otário em defesa da minha miúda, e, por um instante, fico paralisado.

O meu coração dispara pelos meus punhos até o sentir pulsar na ponta dos dedos. Vou partir-lhe a boca toda, desfigurar-lhe a cara barbeada, esmagar cada osso de merda que ele tenha no corpo. Solto a

Beatriz, dou dois passos na direção dele e arqueio as costas, como um animal a preparar-se para atacar. A fera que existe dentro de mim precisa de sair. É a única coisa capaz de excomungar os meus demónios.

— Karl, não! — A Beatriz salta novamente para a minha frente. — Age como um homem e conversa, em vez de lutares! — grita ela, e seus olhos cinzentos ardem, perfurando os meus. Eu paro.

— Não sou... *homem*? — A minha voz falha.

As palavras queimam-me a garganta e destroem o meu orgulho próprio. *Os meus músculos não são provas suficientes da minha masculinidade?*

— Não é isso — balbucia. — Precisamos de conversar — repete, o rosto dela a ficar sombrio.

Não me lembro de a ver assim em quase um ano de namoro.

— Amanhã, Bebé. Tínhamos combinado que íamos comemorar. Fizemos planos, lembraste?

— Isso foi há muito tempo — responde ela, entre dentes. — As coisas mudaram. Foste a única pessoa que não reparou.

O quê? Que conversa é esta?

— Não mudou nada, porra! Eu ainda sou o mesmo e tu és a MINHA miúda!

O outro rapaz lança um sorriso irónico e todos os pelos do meu corpo se levantam. Vou matá-lo.

— Já não sou.

A Beatriz abana a cabeça, com o rosto firme de convicção.

Fico sem ar. Estou a tremer. Não. Estou a palputar de impotência e de raiva.

«Não»? Mas o que é que ela quer dizer com isso?

— Igor, preciso de ficar a sós com o Karl.

— Não vais ficar sozinha com este animal nem mais um segundo — dispara ele, com uma expressão dura, sem se mexer um milímetro. — Não vou sair daqui.

Dou uma gargalhada sinistra. Tenho de admitir: este menino do papá tem coragem. *Vamos ver quanto tempo é que tua coragem dura assim que eu te partir a boca toda.*

— Anda, Igor.

A Amanda entra em cena. Tinha-me esquecido completamente dela.

— Não dificultes as coisas.

— Ele não é de confiança — diz o Igor, sem tirar os olhos de mim.

— Vai-te lixar mais essa conversa, ó otário! Alguém que me diga já o que é que se está a passar aqui! — Expludo, e ele atira-se para cima de mim.

Perfeito! Vou enchê-lo de pancada. Talvez isso destrua a maldita dor que sinto por dentro. Contraio os dedos, fecho os punhos e levanto o braço direito.

Mas o soco estaca no ar.

— Não! — A Beatriz mete-se no meio, em defesa dele.

É para ele que ela corre.

Ele puxa-a pela cintura para junto de si.

Isso deixa-me sem reação. Perco a fala. Perco tudo.

— Já é altura de ele saber, amor — diz ele, direto e decidido.

«Amor»? Como pode ser tão cego? Em que momento perdi a Bia? Esta cena de merda é um fim. Um ponto final para nós, para mim.

— Saber o quê? Que andas enrolado com a minha miúda? É isso?

Agarro o braço de Beatriz.

Ela geme e afunda o rosto no peito dele.

— Tira essa mão nojenta de cima dela! — brame o Igor ferozmente, afastando-a de mim e respondendo com classe: — E o que *nós* fazemos juntos não te interessa!

Há uma força colossal nas suas palavras. Os meus dedos abrem-se e sinto-me sufocado. O contra-ataque é certo. Fraquejo. O meu olho esquerdo (o que me restava!) arde como nunca, fica cheio de água sem a minha permissão e turva-me a vista.

Não vou chorar. Não posso desmaiar.

Acabo de sofrer um KO.



3

REBECA

A Madame Nadeje permanece imóvel na paragem de autocarro, a meio da enorme avenida tão alagada, escura e deserta como tudo à sua volta. O meu impulso inicial é o de dar meia-volta e passar por ela de carro, em câmara lenta. *E com a janela aberta, claro!* Quero que esta vigarista veja bem o meu olhar de vitória e o meu sorriso triunfante. *É bem feito, para não andares a enganar pessoas inocentes!*

Torno a olhar pelo retrovisor, mas, por alguma razão inexplicável, a figura daquela senhora de idade já avançada a ser violentamente castigada pela chuva, protegida apenas por uma capa vermelha, faz-me sentir mal.

Tenho pena dela.

O caminho começa a ficar complicado para os carros, de tão inundado que está, e os raríssimos autocarros que surgem na avenida estão lotados, com passageiros quase a caírem para fora. O mais provável é ela ficar ali a noite inteira e acabar doente. No final de contas, a coitada é só mais uma simples funcionária do parque de diversões. Lutando contra a razão que me alerta para o perigo iminente, sinto os meus dedos apertarem o volante e o meu pé direito a hesitar sobre o pedal do acelerador. Levo as mãos à cara e, depois de respirar fundo, faço marcha-atrás. A mulher está a olhar para o nada, imóvel como uma estátua, e assim permanece enquanto me aproximo. Sinto um calafrio.

— Quer boleia para algum lado? — berro, tentando proteger-me das rajadas de vento e da chuva que entram pela fresta da janela.

Ela vira a cara para mim, o olhar ainda distante.

Destranco a porta e meto rapidamente a mala entre as pernas. No que toca a aldrabagem, também tenho um curso... *De nada*, penso enquanto a vejo sentar-se com toda a calma do mundo e permanecer calada. Nem sequer tira a capa vermelha que está a encharcar os estofos. *Perfeito!*

— Mora onde? — pergunto entre dentes.

Começa a parecer-me que a boleia foi uma péssima ideia.

— Em Pendotiba, ao pé do Parque da Colina.

— Perto do cemitério?

— Porquê? Tens medo de fantasmas? — pergunta ela, com ironia, mas de olhar ainda perdido, fixo num ponto longínquo muito além da tempestade.

Reviro os olhos. Pouco me importa se o cemitério está assombrado ou não. O que me preocupa é o ponteiro da gasolina. Não consigo ir e voltar sem reabastecer. *Que chatice!*

— A minha rua fica depois da rotunda do cemitério, junto a um atalho para o cas... hã... — De repente, a cartomante vira-se para mim e mostra um sorrisinho enigmático. — De certeza que conheces o caminho.

Olho para ela e sinto a minha testa franzir. De facto, conheço o tal caminho. Passei por essa zona pouco habitada diversas vezes, no semestre passado, a caminho do casino clandestino do Jean Pierre. *Mas como é que ela sabia...?*

Depois do comentário suspeito, evito fazer contato visual e mantenho os olhos no limpa-para-brisas. O seu ritmo constante hipnotiza-me, afastando-me momentaneamente da estranha situação em que me meti. O temporal perde a força, e, para meu alívio, o nível da água nas ruas começa a diminuir, deixando-as sujas, vazias e fantasmagóricas. Desconfortável, avanço o mais depressa possível pelo túnel de São Francisco, pela subida da cascata, e depois viro para a estrada nova de Itaipú, reduzindo a velocidade apenas nos radares de velocidade. Chego à rotunda em frente ao cemitério Parque

da Colina e, seguindo as instruções dela, passo pela rua do casino clandestino, avançando por áreas desconhecidas e cada vez mais desabitadas. Pelo canto do olho, noto que, de vez em quando, a Madame Nadeje se vira para mim, estuda-me durante alguns momentos e volta a virar-se para a frente. Sempre que faz isso, os meus dedos apertam involuntariamente o volante e o meu corpo enrijece. Estou habituada a lidar com gente deste tipo. Na verdade, tenho vontade de tirar a limpo a conversa que ela teve com a Suzy, de lhe dizer umas verdades por ter deixado a minha amiga naquele estado deplorável. Mas, por alguma razão inexplicável, não consigo. Sinto uma força a opor-se aos meus instintos habituais. Há uma energia sufocante no ar, à espreita. Sinto-me desconfortável ao pé desta mulher, talvez até amedrontada.

Não estou a gostar nada disto...

— Podes parar ao pé do bordo-japonês. — Aponta para uma árvore retorcida, lindíssima, na beira da estrada.

Composta por folhas de um vermelho vivo impressionante, destaca-se das outras. Faço o que a cartomante diz e, aliviada, estaciono diante de uma cerca baixa de arame entrelaçado. Ao fundo, identifico uma casa humilde com paredes brancas e telhas castanhas. Há várias amendoeiras e mangueiras em seu redor, e um tapete de folhas caídas cria um caminho curioso que atravessa o terreno lamacento que a rodeia.

— «Quem vê caras não vê corações.» É uma grande verdade.

— Como?

— Os que me sorriem e cumprimentam, costumam virar a cara para outro lado num momento de necessidade. Tu, mesmo não gostando e até desconfiando de mim, mudaste o teu trajeto para me ajudares. E com este temporal terrível! — O seu sorriso de dentes amarelos cresce, e ela estende a mão. — Obrigada.

Olho para os seus dedos deformados pela artrite e hesito em retribuir o cumprimento. *Será algum truque que desconheço? Estará ela a tentar dar-me a volta com este discurso cheio de floreados?* Avalio

os riscos numa fração de segundo. Sondo as redondezas: não há qualquer movimento suspeito na rua escura e alagada. A minha mala está protegida entre as pernas, estou com os máximos ligados e o carro está a trabalhar. Qualquer movimento suspeito, carrego no acelerador, saio daqui como um raio e... *Ah, para de ser louca, Rebeca!*

Estendo-lhe a mão.

Quando os nossos dedos se tocam, sinto um choque elétrico percorrer todas as células do meu corpo e uma energia pulsante a passar da pele dela para a minha. Por reflexo, tento puxar a mão de volta, mas, subitamente fraca, não consigo. Tenho a sensação de estar a ser engolida por uma espécie de campo magnético, por um íman poderoso. *Ai! Que truque é este? Está a drogar-me? Há alguma substância alucinogénica capaz de atravessar a pele?*

— *Et accepto ostende!*

— O quê? — brado, nervosa. — O que...?

— Cuidado com o homem de nome francês.

O sussurro sombrio interrompe-me, fazendo ricochete no meu crânio. Dou por mim diante de dois olhos negros e insondáveis que me fixam. Sinto outro calafrio.

— Largue-me! — rosno.

— Ele não vai descansar enquanto não conseguir o que deseja.

Jean Pierre? Ela conhece-o? Calma, Rebeca! É apenas um truque.

— Não sou de truques.

Ela lança-me um sorriso frio de advertência. Sinto-me a empalidecer.

— Largue-me! — torno a ordenar, fazendo uma força enorme para me libertar.

Nem um músculo se mexe. *Não é possível! Ela não pode ser assim tão forte!*

— É melhor acalmares-te, porque isto é só o começo — adverte, com indiferença. — A primeira universidade não será de grande proveito na tua vida, mas...

— Universidade?! — interrompo com uma gargalhada feroz. Ela não tem qualquer reação. — Apanhada, sua vigarista! Nunca me matriculei em nenhuma universidade! Sinto náuseas só de pensar no assunto!

— Mas — continua ela, sem me ligar nenhuma —, se deres atenção aos teus *verdadeiros instintos*, a segunda universidade será decisiva na tua existência. É aí que vais encontrar o amor da tua vida.

— Segunda universidade? Amor da minha vida? Eu não sei se a senhora é surda, mas é, garantidamente, hilariante, *Madame-erra-tudo!* Já percebo porque é que aquele parque está às moscas! Quer um conselho? Ponha a bola de cristal a arranjar ainda hoje!

Ela não se deixa abalar pelas minhas ofensas. Pelo contrário, parece até achar-lhes graça.

— Desenvolve a tua capacidade de acreditar. Um pedido com força pode fazer toda a diferença. Afinal, tudo é possível.

— Não acredito em nada disso, nem em Deus — respondo eu, deixando bem claro o meu desinteresse no assunto. — E nunca acreditarei!

— Será? — Ela semicerra os olhos. — Pois eu digo que não deves acreditar cegamente nas estatísticas, miúda. O improvável é mais provável do que imaginas.

Estatísticas?

Aperto os lábios numa expressão irónica, mas um verdadeiro alerta começa a surgir na minha mente. *Como é que ela sabia acerca da minha crença nos números?*

— Que quer dizer com isso?

— Na prova de recurso, na *segunda universidade...* — A Madame Nadeje destaca as últimas palavras com sarcasmo —, aceita o pedido da tua amiga de olhos rasgados para estudarem juntas, e não voltes para casa sozinha. — Inspira e, em seguida, lança-me um sorriso perturbador. — A não ser que queiras testar as tuas estatísticas ou ver até onde vai a tua *sorte*.

A cartomante também não diz a palavra «sorte» de maneira natural. Soletra-a, lenta e ameaçadoramente, como se conhecesse a minha descrença no assunto. *Isso foi alguma piada sobre mim?*

O alerta na minha cabeça ganha intensidade e lateja com força. Tento libertar-me novamente, mas sinto os dedos dela a afundarem-se na minha pele.

— Vais mudar de ideias em relação ao número treze. — Solta um longo suspiro. — Esse número vai fazer-te encontrar o amor da tua vida.

— A senhora é louca? — respondo, sem conseguir disfarçar a insegurança na minha voz. *Como é que ela sabe da minha antipatia pelo número treze?*

— Vejo olhos brilhantes, força e coração no décimo terceiro rapaz. Isso é bom. Pode ser que mude a tua forma de encarar a vida, só é pena que ele... — Ela parece distante ao dizer estas palavras, quase em transe. — O teu grande amor será um herói, o dragão no cavalo vermelho.

— Pode parar com as charadas! Que tipo de joguinho é este? Que quer de mim?

Ela estuda-me por um momento.

— Tu ajudaste-me, Rebeca, apesar do que pensas sobre mim. Dou valor às pessoas que têm a coragem de agir pelo bem do outro, mesmo que isso vá contra o seu próprio benefício. Sei que foi apenas um caso específico. Não posso dizer que as tuas ações sejam motivo de *elogio* até ao momento, mas irás ter a hipótese de mudar, de seguir um novo rumo.

— Chega! Não quero ouvir mais nada!

— Não devia, mas como sou uma romântica incurável e vejo que tu não tens culpa, que és apenas o *produto* de uma criação muito... *diferente*... — ela escolhe as palavras sem me dar atenção —, vou dar-te uma pista: o teu décimo terceiro namorado será o homem da tua vida, o teu verdadeiro amor e o *único* que poderá salvar-te da existência medíocre que a tua mãe te impôs, minha menina. Pobre mulher. Não a culpo, mas... ela tem desperdiçado todas as hipóteses.

A cartomante encolhe os ombros ao perceber o meu estado de fúria. *Quem é que ela pensa que é para falar das atitudes da minha mãe?*

— A definição de amor é bem diferente daquilo em que a tua mãe te fez acreditar, gostava que te lembrasses disso. E, como estava a dizer-te, nos braços do namorado número treze, a tua vida voltará aos eixos, será calma e feliz. Sem ele, experimentarás perdas e fracassos, irás viver o inferno na Terra. Portanto, haja o que houver, não o deixes escapar. Luta por ele.

— Como é que é?! E-R-R-O-U em tu-do! — grito num acesso de riso, fúria e nervosismo. — Porque não para de dizer asneiras, sua velhaca? Já perdi a conta de com quantos rapazes estive, mas de certeza que já passámos os treze há muito tempo! — Quero agredi-la com palavras, numa inútil tentativa de disfarçar a minha confusão mental. Não reconheço a Rebeca que está diante dela.

— «Estar» é uma coisa. «Namorar» é outra. — Finge não ouvir os meus ataques e continua, com um sorrisinho cheio de malícia. — Como estás muito na defensiva, vou ajudar-te. Só considero namorados os rapazes com quem fizeste sexo e que te apresentaram como namorada. Esta palavra precisa de ser dita. Por ele.

— Já acabou?

Ela não se mexe, continuando a fitar-me. Em certos momentos, tenho a sensação de que a Madame Nadeje só me está a testar, noutros, consigo captar um sentimento estranho que flui nos seus enigmáticos olhos negros. Ela parece ter pena de mim, o que é pior ainda: quase me mata de raiva.

— Desiste dos teus planos para amanhã. Convence a tua mãe a não fazer o que tem em mente. Será um caminho sem volta.

O meu coração dispara.

— Mas que merda vem a ser esta? Como é que sabe? O que é que conseguiu arrancar da boca da Suzy, sua víbora?

Cega de raiva, expludo e atiro-me para trás, conseguindo finalmente livrar-me das suas mãos asquerosas.

— A Suzy é uma boa amiga... — pondera ela, ignorando o meu ataque de raiva. — Sei que te preocupas com ela, deste provas disso na tenda, mas debes tentar cuidar mais dela, assim como ela cuida de ti.

— Para quem é que a senhora trabalha? Se pensa que me vai assustar ou chantagear, está a perder o seu tempo. Quem foi que a mandou dizer isso?

— Quem me ofereceu boleia foste tu, lembra-te? — Morde o lábio fino para conter um sorrisinho que lhe escapa. — Podias ter fingido não me teres visto; afinal de contas, tens livre-arbítrio.

— Saia do meu carro! — grito, e todo meu corpo começa a tremer. — Já!

Com o sangue a pulsar nos ouvidos, destranco a porta e olho em frente. Pelo canto do olho, vejo que a cartomante me observa durante alguns segundos. Então, abana a cabeça e, depois de soltar um suspiro de desânimo, sai. Tremendo sem parar, carrego no acelerador mal a porta se fecha, mas o carro não responde e... morre! E não é apenas o motor — os faróis também se apagam, lançando-me para a escuridão total.

Oh, vá lá! Um problema elétrico?!

Sem o barulho de fundo do motor, o som da chuva a atingir a chapa do carro transforma-se em pancadas nos meus tímpanos, tornando-se quase tão sufocante como assustador. Já a ficar nervosa, volto a rodar a chave na ignição, e, depois de várias tentativas fracassadas, o meu *Mitsubishi* volta, finalmente, a trabalhar.

De repente, um bater na janela quase me faz parar o coração.

— Caraças!

Olho bruscamente para o lado e lá está a cartomante. *De novo!*

— O que é que quer agora? — pergunto ferozmente, abrindo o vidro tão pouco quanto possível.

— Esqueci-me de te dizer uma coisa importante, Rebeca.

O rosto de Madame Nadeje está sombrio, a sua expressão está modificada por algum tipo de sentimento.

— Então despache-se lá com isso e desapareça da minha vida.

Carrego no acelerador.

— Um raio pode cair duas vezes no mesmo lugar, minha menina — conclui, olhando-me nos olhos com intensidade. O sangue gela-me nas veias. — Aliás, pode cair as vezes que forem necessárias.

Um raio pode cair duas vezes no mesmo lugar...

E, com aquelas palavras, a figura da capa vermelha encharcada vai-se embora, afastando-se lentamente à chuva e deixando-me ali, perdida dentro das minhas verdades.

ELA NÃO ACREDITA NA SORTE.
ELA NÃO ACREDITA NO AZAR.
MAS ESTARÁ PREPARADA
PARA ENFRENTAR O SEU DESTINO?

A Rebeca é uma jovem ladra. Está-lhe no sangue! Escondida atrás de um computador, é capaz de assaltar contas milionárias, decifrar códigos secretos e desafiar as leis da programação.

Na véspera de dar o maior golpe da sua vida, ela é arrastada pela melhor amiga até um parque de diversões abandonado, onde tem um encontro com uma cartomante. A enigmática mulher garante-lhe que coisas terríveis estão prestes a acontecer e revela-lhe que o número 13 será decisivo na sua vida. Mas a Rebeca não acredita em magia! Nem no destino.

Ela acredita apenas em números e factos.

Até que um dia tudo muda e as previsões da vidente começam a acontecer! Entre enigmas e reviravoltas inesperadas, um rapaz surge na vida da Rebeca e ele tem tudo para ser o seu 13.º namorado.

Deverá ela confiar no que ditou a cartomante ou deixar-se levar pela voz do coração?

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-524-9



9 789896 685249

Ficção Romântica